

## **Nós documentaristas - Beth Formaggini**

00:47 – Beth: Por que eu faço cinema? Copiando Joaquim Pedro de Andrade, eu repetiria: faço cinema porque de outro jeito a vida não vale a pena. É uma forma de superar a mediocridade dos nossos tempos e tentar compreender o mundo em que estamos vivendo. Só a gente sabe a dor e a delícia que é mergulhar até o fundo do poço pra buscar o nosso filme. Chegar à sua conceituação, a escolha dos dispositivos, a criação das narrativas... Mas acabo percebendo que tudo que criamos é uma forma de falar de nós mesmos e de saber quem somos. Pois, como dizia meu amigo Coutinho, se eu estou filmando o outro é porque eu não me conheço, e eu preciso conhecer o outro para me ver. O cinema é a minha forma de viver porque é a forma que eu tenho de me relacionar com o outro. No fim das contas, eu só quero filmar o que é o outro em mim.

Eu comecei a trabalhar com cinema nos anos 70. Era uma produtora chamada “Corisco Filmes”. Eu era muito cinéfila, quando adolescente vivia em cineclube e tinha muito interesse na área de cinema. Mas quando eu fui estudar, estudei História. Então este amor pela História e pelo cinema me levou para o documentário. E eu era fascinada por todas as... pela pesquisa, pela produção, pela logística. Porque no documentário, quando você faz uma pesquisa ou encaminha uma produção, pra mim, pelo menos, você tem uma participação muito criativa. Foi um caminho natural passar da produção e pesquisa pros meus próprios projetos.

Eduardo Coutinho: Então “ok” é ruim...

Voz de mulher off: Cadê o meu caderno?

Eduardo Coutinho: Então não adianta mais.... Cadê, cadê? Ok, não.

Voz de mulher off: Tem aqui CG, conselho geral. Segundo e quarto...

Voz de outra mulher off: Daniel, Cristiana...

Beth Formaggini: Cada filme que eu faço eu me transformo completamente. Porque você entra num universo. Não estou falando dos meus filmes. Por exemplo, “Edifício Master”, em que eu pude colaborar com Coutinho. A gente passou um mês dentro daquele prédio em Copacabana. Eu jamais conheceria Copacabana e aquelas pessoas se eu não estivesse dentro daquele filme.

Eduardo Coutinho: Não... eu quero “My way”. Eu quero que o senhor ponha nesse momento “My Way”.

Entrevistado do filme: Não?

Eduardo Coutinho: Não, “My Way” eu quero!

Entrevistado do filme: Ah, “My Way”? Ok, ok, ok...

Eduardo Coutinho: Tá ótimo o volume, mas eu quero “My Way”...

Entrevistado do filme: Ok, ok!

Beth Formaggini: Tem que gravar isso... Maravilhoso.

Eduardo Coutinho: Valeu porque a primeira, a segunda foi ótimo, e a terceira! Aí pode tudo...

Voz off de homem: Eu fiquei emocionado, fiquei arrepiado o tempo todo...

Voz off de mulher: Estava gravando!

Eduardo Coutinho: É ficção pura isso, ficção pura! Documentário é isso, de repente tem um momento que vira ficção pura. Ele canta, é close, plano assim...

04:49 – Beth Formaggini: A questão ética no documentário eu acho que é a questão mais importante. Até que ponto você vai, em nome de um filme, de um trabalho artístico, você vai envolver pessoas e provavelmente prejudicá-las no futuro. Então eu aprendi muito trabalhando com Coutinho, porque essa questão ética é muito importante. Por exemplo, tinha toda uma discussão sobre o riso. Você trabalhar utilizando personagens risíveis, que fazem com que o público ria da cara deles. E ao mesmo tempo você diferenciar isso de um personagem que faz rir. Então em vez de rir de alguém você rindo com alguém. Quando você está trabalhando com o outro, você tem que estar o tempo todo atento pra que essa pessoa não vire objeto de chacota ou que tenha problemas no futuro com aquilo que ela está falando.

Qualquer filme que você entre, se você está trabalhando com documentário, você está entrando em um universo desconhecido, e está indo o mais fundo que você pode. Não é, na verdade, somente na captação das imagens, na captação dos sons, no registro. Mas é uma experiência. Eu acho que o documentário te dá possibilidades de experimentar outras vidas, outras realidades. É um trabalho muito gratificante, primeiro porque é essa coisa de você cair no abismo, fundo em alguma coisa, e você sai dali uma pessoa diferente. O filme “Xingu Cariri Caruaru Carioca” vem em uma linha de trabalho que eu tenho desenvolvido com “Nobreza Popular”, com “Angeli 24 Horas”, com essas séries que eu tenho sobre diretores de cinema, que é um pouco a memória da cultura brasileira. Eu acho que a nossa grande força aqui no Brasil é essa multiplicidade cultural, essa força da

cultura popular, e no “Xingu Cariri Caruaru Carioca” a gente filmou os pifeiros “véio”, que são os mestres de um músico maravilhoso que é o Carlos Malta, e esse filme foi uma idéia dele. Ele me falou, olha, Beth, eu queria fazer um filme com os meus mestres pifeiros.

Malta em off: Hum, tem duas notas, né?

Posso?

Essa também pode?

Indígena: Não, não...

Malta: Só “pããã”... Só essa...

Beth Formaggini: É um pouco da história desses pifanos. Começa no Xingu, com os tocadores de... Não são pifanos, são outras flautas, que têm outros nomes, “tirrê”... Essas flautas são de bambu também, como o pífano. Então a gente começa no Xingu, com esses flautistas cuicuro, e depois vamos pro Cariri cearense, Cariri paraibano, Caruaru, que é a Meca do pífano lá no Nordeste, onde a gente conversa com esses mestres do Malta.

10:36 – Beth Formaggini: Na verdade, você falar arcaico e moderno, é tudo contemporâneo. É impressionante a modernidade de um cara como por exemplo os Irmãos Aniceto, lá no Ceará, ou Dona Zabé da Loca, na Paraíba, que faz uma música tradicional, mas que é uma música muito moderna, muito contemporânea. E a gente não pode ficar vendo isso como uma coisa do passado, a gente precisa ver o que está acontecendo agora, as transformações que essa música está passando...

Teve o Rio de Janeiro como esse lugar onde todos esses sons quem vêm de várias partes do Brasil vêm desembocar em uma garotada incrível, que, acho que não só no Rio, mas em todo o Brasil, uma garotada que está se interessando muito pela cultura popular, pela música popular. É um filme sobre a nossa força, um filme só alegria, só orgulho de você ser brasileiro. É muito gostoso.

Voz de homem off: Os pesquisadores descobriram que os desaparecidos políticos do Rio eram enterrados neste cemitério.

Entrevistada do filme: Eles sabiam quem eles estavam enterrando. Eles sabiam que eram militantes políticos.

Entrevistado do filme: Como é que tinham alguns...

Entrevistada do filme: Em alguns laudos, no verso estava escrito “terrorista. Inimigo da

pátria”.

Entrevistado do filme: Inimigo da pátria.

Beth Formaggini: No Caso de “Memória para uso diário”, “Família Ilustre” e “Pastor Cláudio”, estes três últimos filmes, eles tentam preencher essa lacuna que é de conhecer a História. O que se passou nesse país. A gente teve durante mais de 20 anos no Brasil uma ditadura violenta, e as pessoas que viviam, quando a gente era adolescente, a gente não tinha nenhuma informação. Porque a televisão ocultava, então ninguém ficava sabendo de nada porque a imprensa não noticiava. O que ela noticiava eram informações mentirosas, que diziam que aquelas pessoas tinham morrido em combate, atirando contra a polícia, quando na verdade elas estavam morrendo dentro dos porões, dentro das prisões. Torturadas ou assassinadas. A gente vivia como se a sociedade estivesse alheia ao que estava acontecendo.

14:28 – Mulher no documentário: Nunca mais. Nesse momento tem alguém sendo torturado em alguma delegacia policial, em algum presídio.

Voz em off: Sem dúvida.

Mulher no documentário: Algum jovem dito infrator em algum desses estabelecimentos ditos de reeducação, como eles dizem, né.

14:42 – Beth Formaggini: Então faz parte da minha vida essa necessidade de começar a filmar e de começar a tirar esses véus. Porque o que existe é um apagamento, não só do que aconteceu naquele período como hoje ainda você tem toda a violência do Estado; ninguém escreve quando morre um jovem no Brasil, em uma favela, as pessoas comemoram... “Ah que bom, bandido bom é bandido morto, menos um...”

Cláudio: Ele estava sentado, ou ajoelhado, eu não sei. Chorando, gemendo mesmo, muitas dores, eu saquei e atirei na cabeça dele. Foi um gesto de misericórdia.

Voz em off: Qual a distância que o senhor estava dele?

Cláudio: Olha, foi... Uma distância... Ele estava... Um metro, né?

Beth Formaggini: E no “Pastor Cláudio” a gente tem uma conversa com um assassino que participou do sistema como agente do Estado, não só assassinando como ocultando as marcas dessa violência, isto é, desaparecendo com esses corpos. Eu achei importante fazer um filme com ele. Não só por ter um agente do Estado falando, pela primeira vez,

porque eles não confessam, eles são anistiados. Eles se perdoaram. E eles não falam, não contam.

Voz em off: O senhor identifica essas pessoas?

Cláudio: Eu conheço alguns. O Veras, o Veras foi executado por mim.

Entrevistador: Nestor Veras. O senhor sabe se só foram eles, se tiveram outros?

Cláudio: Só lá em Campos, eu narro isso no livro, só lá eu levei doze corpos para serem incinerados ali, na usina de Campos.

Beth Formaggini: Eu li muito Comolli, ele fala que quando você vai filmar o inimigo você tem que trazer o inimigo pra dentro do seu filme. Você tem que conviver no mesmo espaço com o inimigo. Então a gente se preparou muito bem, não só sob o ponto de vista histórico, mas também como dispositivos de filmagem. A gente tinha quatro câmeras, tinha as projeções, tinha o Eduardo e o Cláudio como personagens ali... Pra que aparecesse, nessa conversa entre o Cláudio e o Eduardo, esses métodos. Como funcionava, quem pagava... Para que as pessoas pudessem chegar às suas próprias conclusões. É um filme em que a gente se dispôs, como equipe, a sentar do lado de alguém que era um assassino confesso e a conversar com ele sem colocá-lo no paredão, porque aí não teria filme. A gente preparou uma longa pauta com doze páginas, onde a gente achava que poderia esclarecer muita coisa em relação ao trabalho do Cláudio. E para ir também encontrando o filme. O meu processo de trabalho, eu sempre trabalho muito, pesquiso muito, até achar os dispositivos, enfim, o que eu vou filmar, como eu vou filmar.

Voz em off: O senhor poderia indicar os nomes das pessoas cujos corpos o senhor jogou na usina?

Cláudio: Eu tenho aqui no livro, posso passar pro senhor. João Batista Rita, Joaquim Pires Cerveira, Ana Rosa Kucinski, Davi Capristano, tem o marido dela aqui que eu não coloquei, tá? Davi Capristano...

Beth Formaggini: Quando você vai na Comissão da Verdade assistir ao depoimento de um Ustra, por exemplo, ele dá um soco na mesma e diz que morreram todos em combate, atirando contra nós. E ele está dizendo que não, que ia lá no ponto de ônibus e dava um tiro na testa da pessoa, ou que pegava aquele corpo e incinerava na usina de açúcar.

19:18 – Cláudio: E as cinzas aqui eram jogadas no tanque. Olha o tamanho que é isso aí.

Entrevistador: E o senhor vinha com mais uma pessoa...

Cláudio: Geralmente vinham duas pessoas, mas eu mesmo pegava...

Entrevistador: Um dava o impulso e lançava...

Cláudio: Lançava.

Entrevistador: E isso aqui já era fogo alto, obviamente...

Cláudio: Fogo alto, e ainda tinham as coisas de empurrar...

Beth Formaggini: O trabalho do documentário histórico é um trabalho de trazer, de tentar tirar esses véus e trazer essa memória, pra que as pessoas que estão assistindo tirem as suas próprias conclusões. E você vai realmente atingir essas pessoas não pelo panfleto mas pela forma de mostrar, de como você vai criar uma linguagem que toque aquela pessoa para que ela pense. Eu não acredito em cinema panfletário, eu acho que o cinema documentário... É claro que ele tem lado. Você tem um lugar de fala. Você tem também aí uma disputa de narrativas. Por outro lado, eu acho que o cinema, quando ele se torna panfletário, quer convencer as pessoas, quer dar as respostas, acaba sendo um tiro no pé. Porque você tem que fazer perguntas, não tem que dar as respostas.

Ivanilda: E eu estou nesta busca há 31 anos. Eu quero saber o que aconteceu com meu marido. Que o meu marido não teve nem enterro. Meu marido, não me deram nem o corpo dele.

Beth Formaggini: O nosso trabalho, e eu acho que o trabalho dos documentaristas que têm preocupação com essa questão da História, da memória, é tentar trazer um discurso que esclareça. Porque, por exemplo, como é que eu vou entender hoje esse marasmo da sociedade. Quando esses jovens pedem a volta da ditadura, isso demonstra uma ignorância dos fatos. Elas não têm noção do que foram as torturas, os assassinatos, o que foi a censura, o que foi toda uma sociedade oprimida.

Ivanilda: Eu não sei de nada, só sei que desapareceu naquele dia, naquela hora, acabou. Aonde? Queria saber aonde.

Beth Formaggini: E essa personagem principal é uma senhora apaixonada pelo marido. E o marido, que era um operário, do PCB, ele foi assassinado e desapareceu em 75 em

uma operação chamada Operação Radar. Ela seguia procurando esse marido pelos arquivos, porque ela tentava descobrir alguma evidência de que o Itair tivesse sido preso, porque se ele foi preso ele morreu nas dependências, nas delegacias ou casa da Operação Radar, DOI-CODI. E eu falei, Ivanilda, você topa fazer um filme com a gente, a gente vai seguir você nos arquivos pra ver se a gente acha alguma coisa. E ela topou e a gente achou uma prova.

E a gente reabriu o processo. E o filme narra um pouco essa saga. A gente não encontrou muitos dados, de onde estaria o Itair, quem matou, onde o corpo foi escondido... Mas a gente encontrou uma prova de que ele foi preso.

Mulher no tribunal: É um processo que tem por interessado uma viúva, Ivanilda Veloso, do senhor Itair José Veloso. Ela apresentou a prova então, devidamente autenticada pelo arquivo público, da prisão do interessado.

Ivanilda: É um alívio. Felicidade eu teria de ter meu marido aqui. Isso que seria felicidade.

Beth Formaggini: Quando eu me disponho a fazer um trabalho, um documentário, eu não tenho um pensamento muito “tenho uma mensagem, tem alguma coisa que eu quero passar”. Pra mim são perguntas. Eu faço perguntas sobre onde eu vivo... Aquelas perguntas que todo mundo faz. Pra que estou aqui, que mundo é este que estou vivendo, o que me encanta, o que eu detesto, o que eu quero entender, por quê? Porque há tanta violência? Então pra mim o cinema que eu faço é um cinema mais pra entender o mundo em que eu estou vivendo, do que pra dar respostas.

Eu não consigo separar a vida do cinema. Pra mim, o meu trabalho é a minha vida. Não conseguiria viver sem esse trabalho. É um trabalho que me faz muito feliz, eu adoro o trabalho que eu faço. Pra mim, é essencial pra eu continuar viva. Não saberia fazer outra coisa.